

FRANÇA — IGREJA DOS TEMPLARIOS NA LUZ.

A nove quilometros de S. Salvador encontra-se a aldeia da Luz, que com ser pequena e insignificante, é a principal do valle e comarca de Baréges. E situada quasi no centro de uma risonha planura; ficando-lhe em visinhos treze logarejos, cujos climas são, como os seus fructos, diversissimos, mas que servem de refugio no inverno aos habitantes, que até ás primeiras neves andam dispersos pelos Pyreneos. As montanhas que cercam o valle são, pela sua forma e constituição, do effeito mais pittoresco que pôde imaginarse.

O aspecto da aldeia da Luz é a muitos respeitos miseravel; e todos os viajantes são accordes em asseverar que faz um desagradável contraste com a paisagem graciosa que a circunda.

A igreja, que a nossa estampa representa em ruínas, foi edificada pelos templarios; e cingida de uma muralha coroada de ameias, e de uma torre, n'outro tempo defensavel. Ali se conhece claramente o gênero, no mesmo tempo militar e religioso, do

valleiros do Templo. Nos tempos de perturbações e desordens civis, outrora tão frequentes na província, era a cidadella d'aquelles contornos. Forgada a muralha do recinto exterior, era ainda necessário assaltar a segunda cerca para penetrar-se na igreja. Estas dificuldades bastavam para affugentar as quardrilhas que infestavam aquelles sitios, e que nas suas repetidas aggressões não tinham outro fim se não o roubo.

Ao pé da arida serrania de Sardey encontram-se duas torres edificadas n'um rochedo, attribuem-se tambem a sua fundação aos templarios. Esta ordem possuia no valle grandes propriedades, que não escraram á insaciavel cubiga de Filipe o Bello. Segundo a opinião de outros, as torres de Santa Maria (que é o nome que lhes costuma dar o povo) foram construidas pelos ingleses, no tempo do rei Edward negro, isto é, no decimo quarto seculo. O que é certo é que foi essa a ultima fortaleza de que os ingleses se apoderaram no priz, e que lhes foi tomada em

VOL. II — 3.^a SERIE.

MARÇO 3. 1853

1404 por João de Bourbon, com o auxilio dos gentis homens de Bigorre e de Baréges. Eram commandados por Auger Coffite, cuja familia deve ainda existir na Luz.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTÓRICO.

CAPÍTULO IX.

A Torre de Cain.

LENDAS DO SÉCULO XI.

I.

Como do bom irmão saiu o mau christão.

Era no tempo, em que os walis de Cordova traziam o reino sujeito aos reis mouros. Por dias estava a entrar o conde Henrique; e com elle vinham os bons cavalleiros que o ajudaram a resgatar as suas províncias. Nos castellos christãos não havia noute nem dia. Ninguém desvia as armas. O clarão das almenaras e o som das trombetas, ou luzisse a manhã, ou cerrasse a tarde, não davam descanso aos fieis. Era sempre estar nas ameias, ou acudir á batalha.

Mas os melhores castellos tinham a voz dos desridos; e as terras pagavam tributo a Sevilha. As ricas tapadas do Minho eram para elles correrem veadeiros; e o marmore das nossas pedreiras servia ao lavor dos seus paços primorosos. De tudo faziam deleite na primavera abençoada da nossa terra, em que a lua é suave como o dormir da infancia, e o céu sereno e paro como sorriso de donzella. Antes de trem ao inferno, que os ha de tragá, consolavam-se no paraíso que nos tinham roubado.

— «E não havia cavalleiros para lhes estalarem uma lanza no peito?» acudiu Martim Paes.

— «Cavalleiros?» continuou o frade, «havia; mas eram poucos. O maior numero humilhava-se regando de lagrimas os salcos do arado arrastado por mãos escravas. Deus exalte o brago victorioso que fez nosso o torrão que pizancas, a fonte que serve ao pé do sobreiro, e a arvore que nos dá a sombra! N'aquelle tempo, quando o árabe passava diante do villão ou do senhor, nenhum levantava a vista ou se atrevia a beijar os filhos.»

— «Então parecia tudo um deserto, padre?»

— «Não. As espigas da ceifa donravam-se ao sol de Deus; os campos estavam vígoros; as horas gemiam nas herbas; e os gados pastavam nos outeiros. Mas que importava isso? A terra captiva é um cárere, e a terra em que somos escravos é mais vasia e só do que o deserto. A casa d'outrem, o campo conservado por esmola, e o fogo que nos deixam aendar no lar, em vez de alegria causavam dor. A terra era como agora; mas o coração do homem é que estava morto; havia o mesmo sol, as mesmas flores e a mesma aguia; porém as creangas não se escondiam debaixo dos pampas da vinha como aquellas; e a virgem, assustada com a sua formosura, não se encostava à amoreira, como hoje, sentindo por cima da cabeça o rochedo cantando, e abrindo o regalo às flores, que são de esperança. O harem de infel, alerto diante d'ela como um abysmo, fa-

zia-a descerar. De um momento para outro, podiam obrigar-a a escolher a morte ou a deshonra.»

— «Que martyrio viver assim!»

— «De certo; e viveu-se; e por quantos annos!... Vamos á historia; o sol esconde-se, e o tempo foge...»

— «Contae; estamos ouvindo.»

«No tempo, que disse, travou-se discordia entre douz ricos homens da terra do Minho. Contam uns que pelos olhos de certa dama; juram outros que por aposta sobre um falcão. Porque foi, ao certo, não sei, nem importa nada. Dos seus castellos, que eram fronteiros, vigiavam o campo; e se um d'elles se descuidava, aproveitava logo o outro a occasião de o assaltar com mais raiva do que os mouros. Nas suas companhas ardia a guerra do mesmo modo; rara era a noute, em que o gado se recolhia a salvo, ou em que os pastores não tinham de enterrar alguém.

«Por fim o mais velho entrou de salto no pâgo acastellado do contrario, e tomou-o por traição, deixando a cabeça do senhor cravada nas ameias. Foi uma noute, vespera de S. João, quando toda a gente festejava o bemrito santo, apanhando regagadas de flores, e dançando ao som das cantigas costumadas.

«O cavalleiro morto deixava um filho e um irmão; e d'ahi em diante, se o odio era antes como um, cresceu como cem. A ferro e fogo mettiam os campos e os homens; a ninguem perdoavam, nem ás mulheres!»

«Assim entraram e saíram os annos; e de parte a parte os parentes cada vez mais accesos na guerra. Já o rio ia tinto de sangue; já o sino estava cangado de dobrar pelos mortos; e elles teimosos não se desviavam dos seus odios.

«Fizeram-se homens os rapazes, envelheceram os homens; e só esta briga impia não cançava, nem se gastava com a idade!»

«N'este tempo o filho do cavalleiro assassinado tinha-se feito um guapo mancebo. A cavallo ninguém tinha mais gentileza; com a langa ninguém justava melhor; coração mais nobre, mais puro, não batia em toda a Hespanha.

«Chamava-se D. Mogo Ansures; e quando com os olhos pretos dizia «amo!» coravam-se-lhe as faces como rosas, e as donzellias não sabiam dizer que não!»

«D. Mogo veiu a amar estremosamente a neta do seu inimigo. Segredos de Deus! Elle é quem toca os corações. Mas de certo nenhuma historia falha d'amores mais constantes, nem de promessas tão bem guardadas. Correram mezes; descubriu-se tudo; e no fim de grandes porfias, já cançados de tantas guerras, de parte a parte os parentes deram o sim. Ajustou-se o casamento para a vespera de S. João. N'esse dia fazia quatorze annos que fôra enterrado o pae de Ansures.

«O homem pôe, e Deus dispõe!»

«Como disse, o cavalleiro morto tinha um irmão da mesma idade; era Inigo Lopes. Este queria tanto a seu irmão, que estimava menos a luz dos olhos. Nasceram ambos dia de S. Pedro; e em qualquer dos douz era escusado procurar mais do que uma alma, e uma vontade.

«Quando se espalhou a noticia do desastre de S. João choraram todos, menos D. Inigo, o irmão que ficava orphão. Sete dias com sete noites, deitados sobre a sepultura, esteve sem dar palavra nem vir pessoa viva. Compôs a manhã do oitavo quando se levantou, deixou o cinto e a espada, e saiu sem adorar o altar. A entrada ainda é o signal de

cruz; mas quando partiu, Jesus! voltou as costas a Deus.

«O que faria sete dias com sete noutes D. Inigo na capella? Não o disse a nenhum vivente, e se alguém o sabe é a sepultura. Fallava-se que um monge víra tombar-se a pedra, crescer da sepultura um corpo, e na mão do vivo tocar a mão do morto. Imaginações! Corpo que vai á terra não torna.

«Cousa rara! Na aurora do oitavo dia rompeu uma roseira de dentro da cova, e cubriu-se logo de folhas. Que frescas rosas e que ricos botões nos ramos! Era um milagre. Mas se lhe punham os dedos murchava; uma flor cortada fazia correr sangue do pé. Sete rosas eram brancas e sete vermelhas. Seria em memoria de haver tambem sete noutes que debaixo da terra, com outras tantas feridas, não descançava o corpo do cavalleiro?

«Nunca mais se fallou de Inigo Lopes. Um anno, outro, e sete com mais cinco, peregrinou pelos desertos, que Deus pisara, comendo das hervas do monte, bebendo da agua dos rios, e dormindo ás inclemencias do céu.

«Vida penitente a d'aquelle santo! eram as palavras do mundo; e Deus, que lhe no fundo dos corações, afastava os olhos d'elle. Com ser christão nascido, nunca mais se encommendou á Virgem, nem dobrou o joelho á cruz.

«Ao cabo de longo desterro, anouteceu-lhe uma vez no deserto da Tentação. Que esconjuros faria? Mas as areias luziam como cristal, e as pontas das rochas illuminaram-se com milhares de luzeiros verdes. Falla-lhe uma voz, responde, e vende a salvação pela vingança.

«Na solidão ouviu dobrar os sinos, e não havia torres nem igrejas. O gallo cantou tres vezes como quando Pedro negou a Christo, e no deserto não existia ave; muito longe d'ali as risadas soltas nas profundezas do Mar Morto pelos demonios chegaram-lhe aos ouvidos. As cidades malditas ainda festejavam o rei das trévas debaixo das aguas que as submergiram.

«O céu parecia fugir-lhe debaixo dos passos. O temporal rebentava com as ondas na costa, com os raios no céu, com os furacões na terra. Cedros antigos, como o Libano, estalavam que nem vimes; timidas como creangas, as feras acolheram-se aos povoados. Quando tudo tremia orava, porque estaria surdo o coração do mau?

«D'ahi em diante não fez senão correr atraz da perdição. Um dia raiava a manhã; e sedento, cansado, D. Inigo curvou-se na margem, e quiz encher uma bilha na ribeira do Jordão. Ramos enselados torciam-se sobre as hervas crestadas na fréscura. A duas passadas desfalecia um velho prostrado tambem de sede e de fadiga. Uma gôta d'aquelle agua bastaria para o salvar.

«O reproto negou-lh'a. Com o cantar entornado diante dos olhos soffregos do desgraçado zombou da sua ância, e disse-lhe: «Pede ao teu Deus outra nascente no deserto.» O Senhor não acudiu com prodigios ao seu servo; quiz que elle expirasse vendendo o inferno.

«Nunca mais Inigo estaneou a sede, que lhe ardia no coração. Rios e fontes, ou se furtavam para lhe enganar os beigos, ou mudavam em lume a fresquidão, se os tocava. A gôta d'agua, negada no deserto, pesou, na balança do Senhor, um seculo de peccados.

«Cumpridos quatorze annos voltou, nunca se soube como, á terra do nascimento. Contavam que um cavallo cõr da noite, olhos todos chammes, não cerrendo, mas voando, o trouxera da Judéa a Por-

tugal. A cauda varria o pó; era fogo o respirar; as crinas fugiam soltas. Diante d'elle sumiam-se os montes; tapavam-se os abyssos; e ao passar do galope infernal os carvalhos tremulos vacillavam, e as arvores curvas gemiam como juncos. Cavallo e cavalleiro não corriam, voavam! Debaixo da ferradura magica os mares tornavam-se duros como diamantes; e a chamma vinha beijar o escravo dos vulcões do rei do fogo. Ao luzir d'alva o corsel levantou as mãos, refugiu, e parou. A luz apontava no topo da cruz de uma ermida. À medida que ia aclarando o dia, ia adelgazando o cavallo; e ao primeiro raio de sol desfez-se em fumo.

«Ouvindo tanger ao pé de si um sino, D. Inigo olhou e conheceu o sitio; era a mesma igreja aonde seu irmão jazia sepultado. Deu o primeiro passo, e abriu-se o portal de par em par; ao segundo, apareceu illuminada a capella; ao terceiro, secaram as rosas vermelhas e reverdeceram as brancas. Dentro soava o doce cantic: «*Ave maris stella.*» A vingança do morto estava applicada.

«A fé a chamar por Inigo, e elle sem a ouvir! A voz do céu a offerecer-lhe o perdão, e elle surdo á misericordia!

«N'aquelle instante, muito longe d'ali, orava a Deus um santo pelo maior peccador da terra. Arrebatado em visão descubriu um homem cuspindo e escarneecendo da cruz e do Salvador á porta da sua igreja. Ajoelhado no cruzeiro, o anjo custodio banhava de lagrimas as vestes luminosas. O desacato gelou-lhe o pranto, e cubrindo o rosto de repente subiu na aragem, e perdeu-se nos raios do sol nascente.

«A tua clemencia é infinita, Senhor!» exclamou o justo. «Haverá tambem perdão e esperança para este que te renega?»

«N'este ponto acabou a visão; as portas da ermida fecharam-se; e uma voz, similar à do temporal rugindo nas selvas, bradou ao longe: — «*Memento, homo, quia pulvis es!*»

II

Não ha gosto sem pesar.

«N'aquelle tempo, em terras de Coimbra que rico homem era mais nobre e mais poderoso do que D. Ordonho, conde! Do alto do seu castello, até onde se estendia a vista, valles e campos pertenciam-lhe. A um signal de sua lanza, trinta cavalleiros mettiam o pé no estribo. A uma seta do seu arco, centenas de homens d'armas acudiam ao seu pendão.

«Vinha dos primeiros lidadores das Asturias aquela raça; e sempre foi de ferro nos combates e nas vinganças. Mouro, ou christão, cavalleiro ou monge, a quem uma vez desse o nome de inimigo, desde logo podia abrir a cova.

«A idade tudo gasta; e agora velho não voa às aguias. Quando debaixo da touca bordada, no galope do seu cavallo o vento lhe agitava as brancas madeixas, D. Ordonho sentia o corpo já sem metade da antiga força. Por isso estava triste. Tinha só uma neta, Auzenda bella; e o unico inénio de o espalhacer era um sorriso seu. Mais do que filha, consagrava-lhe todo o amor da sua alma, porque duzentas nascêra do seu sangue.

«Na torre de menagem os atalaias vigiavam. Circulando por um e outro lado, não faziam senão espantar se rompia ao longe a cavalgada e perdida em Santa Olaria. Escondeu-se o sol; o clarão da tarde

desmaiou no topo da cruz; e apareceu em fim a lua sobre as campinas sem se avistar um só vivente.

« Era vespere de noivado no castelo; Auzenda, a linda Auzenda, casava com Moço Ansures. Estava-se em uma noite de S. João, e cumpriam-se justamente quatorze annos, que os monges negros tinham rezado o oficio dos defuntos sobre o corpo do cavalleiro assassinado.

« Porque estará Auzenda pensativa, com a face mimosa nas mãos, a olhar da sua janella para a corôa do fronteiro monte? Entre mil, não contam Grana da e Cordova perola de maior belleza. A flor do Mondego não tem rival. Sorri-lhe o céu nos labios; os cabellos louros, como laços de ouro, ondea-os a brisa; os olhos azuis, onde amor suspira, oh! quem pudera vencel-os, como d'elles foi vencido!

« Um cordão de seda e ouro aperta na delgada cintura as roupas ligeiras, alvas de neve, no rosto finas rosas, que desmaiam Iyrios; na bôea um riso suave, avivando a cõr aos rubins. O véu de tissô bordado, ora folga solto sobre o collo de jaspe, ora em pregas desce ao seio palpitante. Eil-a vai, iluminado a alva apenas, de fraga em fraga, pela ingreme asperceza da serra. Boninas e cecens tecem-lhe a corôa sylvestre; pelos hombros fogem livres as madeixas. Ajoelha diante da cruz solitaria; é a oração matutina, que sobe na fragrancia da aurora, como perfume, ao trono do Eterno. O vestido branco, desenhando as fórmas, visto de longe, fluetua na vaporosa madrugada, como alva nuvem que douram os primeiros raios do sol.

« Ella a chegar, e um cavalleiro a sair do lado oposto. Vestia armas lisas; no capello trazia o agor do Donro; e sobre a cotta uma cruz vermelha. É D. Moço Ansures. Resavam juntos, offerecendo a Deus o seu amor. Deu-lhe elle depois um annel de prata singella; um lago cortado das tranças de ouro, foi a prenda de Auzenda.

— « Volta! » disse a donzella com um sorriso.

— « Dia de S. João, » respondeu o manecbo com a esperança a brilhar nos olhos.

— « Tão tarde! »

— « Judgas? Faltou na vespere, a meia noite. »

— « Juras-me? »

— « Se juntas! A meia noite, vivo ou morto! »

... Separaram-se. Despediu-se o cavalleiro, seguindo pelas gargantas do monte até se perder atraz do ultimo outeiro; e ella não deixou de olhar em quanto a vista o alcançava na distancia. Porque chorava Auzenda? Não prometeu esse voltar? Que importa! Queria tel-o junto a si, captivo do seu sorriso.

... Pôr isso scisna e cala tosinha. Eram receios de noiva e saudades de namerada?

« Ao caer da noite repicou a sineta na atalaia. Donas, cavalleiros e pagens aproximavam-se; chega a suspirada comitiva. As armas reluzentes, as plumas delugadas sobre o gorro; os ricos tabardos de matiz vêem scintilando ao fulgor dos fachos. O som das trompas, o latir das matilhas, o relinchar dos cavalos, e o vezear dos homens, animam o quadro.

« Pela estatura gigante sobresae o conde Ordonho. E o carvalho antigo alargando os arbustos com a sua sombra. A voz d'elle vence o ruido da confusão geral.

— « Pagens, escudeiros, fezei honra! »

« Falta um homein só na festa, mas tudo falta com elle. As bellas horas de junho deviam trazel-o aos pés de Auzenda! É noite cerrada, porque não aparece! Do lado de Coimbra não há rebate de mouros; as almenaras (1) visinhas dormem em silêncio; qual será o motivo da tardanga de Moço Ansures?

(1) Signas de fogo para dar aviso de inimigos.

« Antes de unir á sua a mão de Auzenda o manecbo quiz justificar-se aos olhos da Hespanha christã. A alliance juntava o sangue das duas casas inimigas; mas ali perto (podia-o esquecer?) jaziam os ossos de seu pae inquietos por vingança! Não ha nome tão feio como o nome de covarde; e o mundo podia talvez dizer: « Moço Ansures, o fraco, vendeu por uns olhos azuis o sangue de seu pae! » Por isso não quiz deixar envergonhada a boa espada. Saiu occultamente dous mezes antes do S. João.. Galgou os montes, transpoz os rios, e nas ricas terras de Andaluzia, na lide dos pelejadores tres vezes plantou a cruz de Christo nas ameias mouras. Assim respondeu aos que fingiam chorar pela lanza de seu pae. A diante mandou o seu fiel escudeiro ao conde Ordonho, e o seu pagem a Auzenda para lhe repetir o juramento feito sobre a cruz do monte.

— « A meia noite, vespere de S. João, ou vivo ou morto! »

(Continua)

ARCHITECTURA.

No VOLUME 4º démos uma noticia resumida das diferentes ordens da architecção civil, a que se chama vulgarmente grega ou classica, e acompanha mol-a dos respectivos desenhos.

Um trabalho completo sobre a influencia da civilisação no desenvolvimento e progresso da architecção entre os diferentes povos, havia de explicar-nos muitas das suas transformações; mas similhante trabalho aliás curioso, excederia os limites desta publicação, repositório popular de noções úteis e de leituras amenas, que convém variar para agradar a todos os paladares; por isso limitar-nos-hemos a dizer duas palavras, restringindo-nos ao objecto das gravuras.



FIG. 1 — CAPITIS EGYPCTIOS.

Os monumentos mais antigos do Egypto, que foram decorados de columnas, encontram-se na Hep-tanomida, e representam na maior pureza o tipo de severa simplicidade que admirámos na ordem dorica greco-classica. Os monumentos da India, aberdos nos rochedos, offerecem os mesmos principios das ordens primitivas. Porém, como os architectos gregos, os egipcios começaram depois de phantasiar para as columnas capitais mais ou menos extravagantes, mais ou menos graciosos, mais ou menos proprios do fim a que se destinavam, em cujo debuxo todavia se procurava quasi sempre imitar, com maior ou menor primor e felicidade, a natureza animal e a vegetação luxuriante da flora africana.



FIG. 2 — CAPITIS ROMANOS.

O PANORAMA.

A influencia da Italia, e sobre tudo a do imperio do Oriente, produziram, pelo undecimo seculo, o estylo neo-romano, que conserva ainda algumas relações de parentesco com a arte romana. Ou por inspiração de alguns rares exemplos antigos, ou para harmonizar a escultura com as pinturas que cubriam as paredes das igrejas, os artistas conceberam a idéa de juntar á folhagem dos capiteis figuras de homens ou de animaes symbolicos ou de phantasia, demônios e monstros de fórmas diversas.

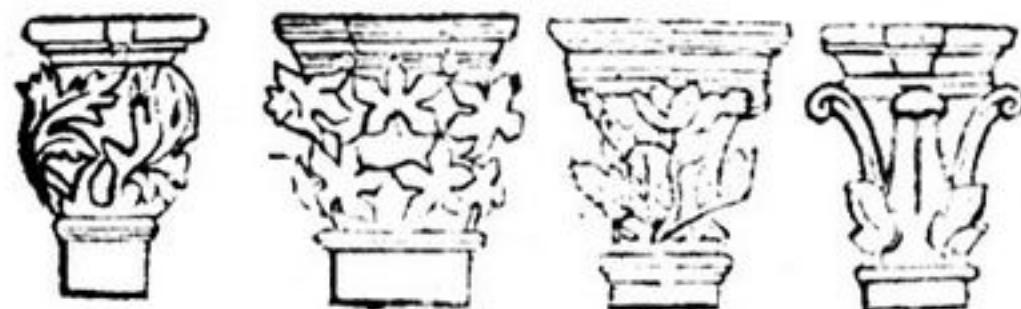


FIG. 3 — CAPITEIS GOTHICOS.

No fim do decimo segundo seculo e começo do decimo terceiro, a archiectura adoptou definitivamente o stylo ogival; a ornameftação teve consequentemente de harmonizar-se com esta arte puramente occidental, e a flora indígena substituiu os ornatos exóticos do estylo neo-romano.

No decimo quarto seculo a arte começou de despresar aquellas fórmas severas e vigorosas, que faziam toda a sua gloria, langando-se de novo nas extravagancias mais repugnantes, e preparando assim a reacção classica, ou a epocha da renascença, periodo brilhante, em que a arte subiu ao mais alto ponto de perfeição, até deseair tambem nas exagerações de mau gosto do estylo chamado Pompadour, felizmente abandonado no que tinha de falso.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

Sebastião da Cunha, e o marquês de Pombal. — *Descrição do porto de Bissau.* — *O ilheu de Bandim, ou a morie.* — *Descrição e historia de Bissau.* — *Dez réis que não valem um real.* — *Costumes dos papeis.* — *A nova Sparta.* — *A inveja e a ingratidão.*

II

Do lado oposto avistam-se ao longe, por entre a nevoa, os cimos da ilha das Arcas, que parecem erguer-se sobre o Oceano para vigiarem tanto o que se passa dentro do rio em cuja fronteira se acha, como o que se aproxime do mar a que marca os limites. É uma sentinella vigilante que está sempre de atalaya. O chão dos beafares e dos balantas fecham o quadro por esse mesmo lado, e deixam uma saída ao rio, que preguiçosamente se dirige para o Oceano com o seu manto verde-pardo semeado de lentilhas.

Às oito horas da manhã o *Vouga* içou no mastro grande o pavilhão do governador geral, ao mesmo tempo que do penol da carangueja se despregava, vaidosa e folgosa, ao sôpro da aragem abandona portugueza; e logo a artilharia da praça sandou com vinte e um tiros á boa vinda do magistrado superior da província: enchendo-se no mesmo momento todas as praias de pretos e grumetes, que correram a ver o que ha visto e dous annos não tinham visto... um brigue de guerra portuguez! Depois soube que elles estavam persuadidos de que Portu-

gal já não tinha senão as duas pequenas casas que ali iam de vez em quando de Cabo Verde, e os dous ou tres velhos e renaceiros paquetes, que de anno a anno chegavam a Bissau para se demorarem o longo espaço de vinte e quatro horas.

Pouco depois vogavam os escaleres para a terra, onde íamos desembarcar. O trajecto é curto, e embri ve tempo nos achámos a pequena distancia da terra, apenas umas dez braças que eram ocupadas por um lodo negro, onde se enterravam os negros ate meia perna. Este lodo desaparece completamente no tempo das aguas, e deixa então ver uma linda praia de areia da mesma extensão, que no tempo das brizas se torna a cubrir de lodo.

Aqui havia uma cadeira supportada por quatro pretos escravos, e n'ella desembarcou o governador, eu, e toda a comitiva pertencente ao quartel general, no meio dos alaridos confusos de todo aquelle gentio immenso que nos cereava, e das felicitações dos officiaes, empregados, e negociantes da terra; os pretos e os grumetes, esses não se atreviam a chegar-se a nós; ululavam de longe.

Até que meachei em terra, em chão sólido, por onde podia andar direito e seguro, sem temer que me fugisse de debaixo dos pés; onde as pernas se podiam conservar firmes. Criei uma alma nova. Deume até vontade de correr; desejo infantil que tenho sempre sentido, assim que acabo uma viagem, e que me vejo em terra, e que julgo que sentirão todos os que acabam uma viagem por mar; ao menos aquelles com quem tenho fallado ao contarem-me as suas impressões dizem isto mesmo.

Mas este meu prazer durou pouco. O rubor da vergonha denunciou-me nas faces o sentimento que opprimia e abafava o coração, e que ainda agora mesmo o comprime. Não havia aqui uma igreja, onde o christão pudesse ir dar graças a Deus pelos benefícios recebidos, nem pedir-lhe novas mercês, ou contar-lhe suas magoas, e offerecer-lhe as suas alegrias: não havia um padre que recebesse o menino recém-nascido no liminar do templo, que o lavasse da mancha original com a agua sagrada, e o entregasse aos pais e aos parentes jubilosos, já livre da escravidão do peccado, reconciliado com Deus, feito irmão de Jesus Christo, e coherdeiro seu; aqui, o ministro do altar não chama sobre os esposos as bençãos do Altíssimo, santificando a sua união, que assim está rebatizada até ao nível dos mais torpes appetites dos brutos; a voz de um padre não anima também o moribundo, fazendo-lhe esperar o perdão, e uma vida melhor pela absolvigo de seus peccados e pelas orações da igreja; nem derrama o balsamo da consolação pela dor dos filhos, dos parentes e dos amigos, dizendo-lhes que aquelle que choram, dorme o sonno da esperança, para accordar n'uma vida de santos e eternos prazeres. Pobre gente, que a religião não salva ao nascer, que não abençoa na vida, e que não acompanha á ultima morada! Aqui está ao que a reduziram ophilosophismo, a ignorância e as revoluções.

Ha muitos annos, não sei quantos, que me esqueci, ou me envergonhei de o perguntar: ha muitos annos que tinha desabado em terra por velhice, e falta de reparações e concertos a igreja parochial da invocação de Nossa Senhora da Candellaria, que lhe foi dada pelo bispo D. Fr. Victoriano Portuense, quando erigiu esta povoação em freguesia (16.01) Substituiu-a depois a capella da guarnição da praça, mas essa mesma havia dous annos que tinha sido abandonada, e achava-se destelhada e em total ruina. E nem ao menos havia uma cruz, esse glorioso pendão do povo christão, que attestasse nestes bos-

idolatria à presença de uma christandade, hoje quasi extinta, e que apenas se conhece nas orações e algumas práticas piedosas, mas degeneradas, das mulheres dos grumetes, ou de alguns dos soldados de Cabo Verde!

O governador geral tinha destinado para seu quartel a residência do governador da praça. Pude ver então esse monumento de nossa glória passada, o herdeiro e continuador das honrosas tradições do 15.^º e 16.^º séculos; esse monumento que a minha imaginação engrandecia até o elevar ás mais gigantescas proporções. Ao vel-o, na passagem por defronte d'ele para me dirigir á minha hospedagem, saudei os manes dos valentes que a ergueram com uma mão, e a defenderam com a outra; que muitas vezes no dia largavam os trabalhos para correrem ao combate, e que nam descansar das fadigas deste, enterrando os seus camaradas, e continuando os trabalhos interrompidos pela guerra. E hoje? . . .

Não quero descrever o que vi. Ter pairado pelas elevadas e brilhantes regiões da imaginação e da poesia, do sentimento mais nobre que pôde animar um coração portuguez, para achar-se nos humildes e obscuros domínios da realidade, para vêr-se devorado pelo desalento, e exposto ao opprobrio mesmo dos selvagens. É uma queda muito perigosa; de que só me livrou um novo sentimento, a curiosidade, que imprimiu outra direcção ás minhas idéas, que bem posso dizer que estavam em ebullição pela multidão de objectos que incessantemente se sucediam uns a outros, e que me encadeavam pela sua novidade.

Estava-se levantando a feira, que todos os dias se faz aoeste da praça, e quasi debaixo dos seus muros, num especie de rua (a explanada,) que se projecta do norte ao sul em todo o comprimento da mesma praça, e que é orlada, de uma lado pela inclinação exterior da cava, ou contra-escarpa do fosso, e do lado fronteiro, pelas primeiras casas da aldeia de Bissau. A casa em que me hospede, e que fecha esta explanada pelo sul, domina a feira, á qual concorrem com os seis gêneros todos os povos circumvisinhos, e também os *jó moltos* e as *elegantes*, duas espécies que encontrei por toda a parte, e os *valentes*. Esta mistura de gentes diversas, e o alarido e gritaria que d'ahi resultam em gente tão palreira, fazem estas reuniões trinta vezes mais ruidosas e insuportaveis do que as nossas feiras mais agitadas.

Offercia-se á minha curiosidade um espectáculo novo, que não quis perder. A multidão e variedade dos trajes, se e que lhes posso dar esse nome; esses costumes tão estranhos para um homem da Europa; essas armas de que só tinha conhecimento por as estampas de alguns livros de viajantes; esse charme cultural de tantos pretos, prendiam a minha atenção; pelo que, aceitando a obsequiosa offerta de meu hospede, que se prestou a ser o meu *cicerone*, destacou-me em perguntas, cuja solução me pôz em muitas horas no facto da historia da ilha de Bissau, e sua topographia, costumes dos seus habitantes, assim como d'essa raia atravessada e insolente chamada grumete; e de todos os reinos circumvisinhos que ainda tinham na feira representantes.

Achei nessas notícias interesse e encantos, que nunca esperei encontrar, e que os meus leitores estarão certo que me agradecerão procurar comunicar-lhos, com os additamentos, que a leitura dos registos da secretaria do governo geral da província, apesar de tão desfalcados e incompletos, me habilitaram a fazer; e que me persuado que farão esta leitura agradável e instructiva.

Começarei pela descrição da ilha de Bissau, introduzindo a exposição de sua historia, desde que foi

descuberta pelos nossos navegadores até hoje, com tudo o que possa servir de recreio; mas tudo isto nas menos palavras que me for possível.

Esta ilha tem mui perto de doze leguas no seu maior comprimento de leste a oeste, e sete leguas na sua maior largura de norte a sul; e mostra a apparencia de um **D** maiusculo feito á mão, formando-lhe o lançado o esteiro do pico, que corre ao oeste, e a separa da ilha de Bissau; a curva superior é feita pelo rio Empernal que corre a leste e a divide do paiz dos balantas; a media pelo rio de Geba que corre ao norte, e a inferior ao sul pelo Oceano, ficando no ponto de junção a ponta de Bissau: a circumferencia da ilha é de quarenta leguas, pouco mais ou menos.

Toda a ilha é povoada pelos negros *papeis*, que alguns querem que sejam *pepeis*, nome que substitui o de *buramos*, que tinham anteriormente, e que era mais commum, que o de *papeis*, que também se lhes dava, e de que ignoro a razão. Estes *buramos* de Bissau, ou *papeis*, têm degenerado muito do que eram d'antes; agora são os mais insolentes, cobardes e estópidos pretos de toda aquella costa. Ainda que no tempo de sua descuberta (1446), e mesmo muitos annos depois fosse esta ilha governada só por um potentado, ou rei, que tinha debaixo das suas ordens alguns governadores; em 1696 estava ella dividida em tres reinos, governados por outros tantos regulos, que se denominavam Azinha, Torre e Incinhate; e em 1838 eram nada menos de dez, cujos reinos tinham as seguintes denominações, que são: Antulla, Intem, Bandim, Cumurá, Bium, Torre, Safi, Prabis, Bigemetá e Quixete, alguns dos quaes não tem nenhuma importancia, pois que mesmo quando um só a governava, não se pôde dizer que fosse realmente um rei, não já considerando-o segundo os nossos costumes, e á luz das nossas idéas, mas comparando-o com outros que ha n'aquella extensa costa, e nas ilhas d'ella.

Destes regulos, aquelles que mais alguma consideração têm, são o de Bandim, pelo porto d'esse nome, que lhe rende muitas daxas ou presentes, dados pelos navios que em danno e prejuizo nosso ali vão fundear e mercadejar; e o de Intem, por ser no seu distrito que está a praça de S. José de Bissau, o que o torna respeitavel entre os seus, e o enche de soberba; d'aqui a alguns annos, e talvez já n'esta occasião, ha de tambem ser considerado o de Antulla, pelas muitas madeiras para construções que tem. Se até aqui a não tenho tido, é porque quem queria madeiras ia cortal-as só ilheu do rei, como se fossem suas, e sem pedir licença a ninguém, e sem que o governador da praça fizesse caso d'isso.

Situada na barra dos rios de Geba e Corobal, em Curbali, domina todo o paiz dos balantas, e uma grande parte do dos beafares, e é a chave do comércio marítimo com os mandingas, o que lhe dá uma importancia, que não sabemos, ou de que não queremos tirar proveito; mas que de certo não desresaria nenhuma outra nação, porque nenhuma mostra o desprezo, que em Portugal parece do bom tom, ou d'uma refinada politica, mostrar pelas suas colônias. É mui plana, e cercada de rios de agua döce, muitos dos quaes estendem seus braços pela ilha; também é mui rica de arvoredos, que a tornam agradável, e podiam fazer d'ella uma mui útil possessão, mesmo sob o ponto de vista agricola. Aqui ha grande copia de palmeiras, que produzem um cōco chamado *chocco*, de que se faz o azeite que no Brasil e em Angola se chama *dendê*, que os naturaes empregam para adubar a sua comida; e muitas arvores fructíferas de um sabor agro-döce, que nos são de-

conhecidas, e outras iguaes as que ha nas illas de Cabo Verde.

Produz muito arroz, milho de diversas qualidades, batata doce, inhame, uma especie de inhame, chamado *mansafa*, mais pequeno que o *commum*, e mais saboroso, é a mancarra, ou amendobi — um grão oleaginoso, que se crieia debaixo da terra, e que é tão agradavel ao paladar, como bom para azeite. (1)

(Continua.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

INSTRUÇÃO POPULAR.

ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA.

V.

UMA lingua só pôde dizer-se que existe formada desde que as suas formulas escriptas têem chegado a ser geralmente consentidas e respeitadas. Na lingua falada, na lingua das multidões, no idioma popular e domestico, poderá tolerar-se, sem os sancionar, os absurdos grammaticaes e os solecismos, as frases incorrectas, os erros de regencia e de concordancia, e poderá admittir-se por excepção as variantes de pronuncia para o mesmo termo a significar constantemente a mesma idéa. Proscrever os dialectos de uma lingua n'um paiz um pouco extenso, decretar a homogeneidade do fallar para um povo inteiro, como se proscrevesse por um decreto a adopção de uma moeda commun, e o uso exclusivo de uma medida unica, seria tão impossivel como ridiculo. Por civilizada que esteja a nossa patria, por confundidos que estejam n'un tructo e conversação mais intima as provincias mais remotas, mais rebeldes á linguagem polida da corte, e mais fanaticamente entusiasticas dos provincianismos inveterados, nunca será possível conseguir, que o minhoto perca a alleigação exagerada que hoje professa á pronunciaçao nasal, e que deixe de corromper a intonaçao e o accento cortesão pela proximidade de um dialecto castelhano, pouco sympathico aos ouvidos delicados. Em quanto o lisbonense pronunciar com a amenidade do idioma da corte os *rr*, o beirão e o minhoto continuaro a convertelos pertinazmente em *bb*. Estas diferenças, ás vezes essenciais, na pronuncia dos termos de uma lingua, esta multiplicidade de dialectos, que retallham um estado n'uma variedade de pequenos paizes, longe de dificultarem as relações internas de um paiz, servem como que a romper a monotonia dos costumes, a animar pelos contrastes a vida popular, e a matizar a lingua com uma multidão de variantes, que enriquecem o idioma geral em vez de o fracionar e empobrecer. Os estados mais energeticamente centralizados, os paizes mais unitariamente constituidos, os povos mais estreitamente ligados pela identidade de tradições, pela similaridade de costumes, pela unidade de formulas politicas, pelo sentimento religioso e pelo espírito de indivisa nacionalidade, são os que mais vezes oferecem o exemplo de acatarem menos a lingua oficial, e em que as diversas provincias se emancipam da tutella do estado, para continuarem a fallar a lingua, embora rude, embora menos culta, de seus antepassados.

A França, cuja er estado fino ha tantos seculos, tem mais dialectos diversos que a Alemanha, sempre dividida em estados independentes, mas sem por vezes implacaveis inimigos. A Espanha, com ser monarchia, e monarchia fundida nos moldes do despotismo de Carlos V e Filipe II, conta ainda hoje mais idiomas distintos e mais dialectos essencialmente diferentes do que a Italia, paiz sem conexão politica, sem fraternidade social. A civilização tem progredido rapidamente em França, escriptores justamente celebrados na Europa, e venerados em todo o mundo se tem sucedido, legando uns aos outros a gloria herança do purismo de Bossuet e de Racine, a lingua official, a lingua escripta, a lingua parisiense tem-se esmerado em formas elegantes de dizer, tem-se arrogado a preeminencia indisputável de ser o idioma de *l'esprit*, a lingua predilecta da eloquencia moderna, o idioma da brillante poesia de hoje, a linguagem da civilização e da humanidade, a lingua dos parlamentos e dos salões, a lingua da sciencia e do romance; e todavia o gaseão não abjurou ainda á sua pronunciaçao patriarcal, nem o picardo cedeu ainda aos epigrammas do discreto parisiense, nem os dialectos humildes e grosseiros do norte e do meio dia da França se pejaram de viver e durar ao lado do idioma aprimorado e elegante de Paris.

Pedir pois em Portugal o nivelamento de todos os órgãos vocaes e a sujeição absoluta de todas as linguagens provinciais ao despotismo linguistico da capital, seria intentar o absurdo de parodiar na centralização dos costumes populares a uniformidade e a monotonia administrativa. Fique-se o beirão e o minhoto com o seu *r* e a substituir o *b*, fique o portuguez do norte com a sua pronuncia nasal pouco sympathetic aos ouvidos exigentes do lisbonense, mas não se tolere, não se approve até esta anarchia que faz da lingua escripta d'un povo civilizado uma especie de algaravia irregular, e de jargão inintelligivel. Sejam mil os dialectos fallados, mas seja unica a lingua nacional escripta.

Em Espanha não se fala em toda a parte esta lingua formosa, e que só bem pronunciam castelhanos. Na Andaluzia predomina um dialecto inspere, com evidentes vestigios da pronuncia guttural dos arabes. Nas Asturias não se fala como na Galiza. A lingua catalan é essencialmente diferente da das Castellas. O vasongo é tão distinto do castelhano, que até nem pertence à mesma familia, sendo este uma pura derivaçao do latim, em quanto que o primeiro é um idioma em que predomina o elemento celtico, ou gaélico. Apesar disto, apesar destas diferenças capitais, note-se a uniformidade que domina hoje a lingua castelhana, vejasse como todos escrevem do mesmo modo; e como o catalão, o gallego, o andaluz, o navarro, e o biscaíno respeitam e seguem constantemente as formulas escriptas de uma lingua consagrada por tantos monumentos, e ultimamente regularisada pelo impulso da Academia hespanhola, e pelo concurso e adhesão de quantos escriptores enriquecem cada dia a copiosissima literatura hespanhola.

Se em França se visse um jornalista, nascido e educado no Languedoc, ou na Picardia, estampar um artigo com uma orthographia disparatada e original; se se visse, o que entre nós é frequente e regular, tres escriptores, nascidos na mesma capital, educados nos mesmos centros de instrucção, escrevendo no mesmo tempo, nas mesmas cidades, para o mesmo publico, escreverem cada um d'les a mesma mesma palavra com caracteres diferentes, e fizerem isto intencionadamente, o que é impossivel, e fizeram isto

(1) Claramente é o caso da lingua portuguesa a França e para a America, que ainda ha de encorajar para grande e crescente progresso, e depois partilhar

mais alto, mais espirituoso, e mais eminentemente sistemático de todo o mundo o ferrete que compete aos países barbaros da terra. E que em França ha uma Academia que, fundada pelo cardeal de Richelieu para engrandecer e opulentar a lingua dos Rameau e dos Montaignes, tem sabido elevar-se, pelo esplendor dos nomes que ali tem sempre figurado, a elha de um corpo litterariamente legislativo, cuja magnitude o povo todo respeita, e cujas decisões encontram uma sanção, e uma obediencia voluntaria em todo o povo frances. Aquella nação tão clemente, tão zeladora da sua independencia; aquella nação que ha sessenta annos faz uma revolução quasi annual para sacudir o jugo dos governos de todas as denominações e de todos os principios; que se insurge contra o trono feudal para lhe substituir a realeza revolucionaria; que exterminou quasi uma dynastia para fundar o reinado da convenção; que derrubou a convenção para viver sob o regimen do directorio; que proscreveu o directorio em nome do consulado; e que proclamou o imperio em nome da gloria e da conquista; esse povo, que ha tantos annos rola, sem nuncia o despenhar, o rochedo de Sisypho do despotismo, e que veleja por um mar de sangue em demanda da suspirada liberdade; pois esse povo, que ri do prestigio das corôas; que desafia o perigo das bayonetas; que repelle em toda a parte a autoridade; que obedece protestando sempre insolido em nome da sua soberania, é o proprio que se curva reverente e submisso a aceitar a suprema dictadura que nas letras se arrogam os professores da intelligencia e os cesares do talento!

J. M. LATINO COELHO.

BREVES E ÚTIL IDEIA DO COMMERÇIO, NAVEGAÇÃO E CONQUISTA DA ÁSIA E DA ÁFRICA.

*Mibi autem non minori curae qualis
Res publica sit hodie, quam que
futura sit.*

CICERO — DE SECECTE.

Ribeiro & Lobo para Moambique.

Missas, baete, estanho lavrado, cobre em pasta, dito em barra, chumbo de minúcio, candieiros, jarras e bacias, caldeirinha, chocolateiras, seringas, penteados, ferros de engommar, veludo preto e carmazim, cortes de seda da fabrica, e de França para vestidos, peças de carro de ouro, camelotes finos, taças de toda a sorte e côr, retroz e trossal de dita, horizonte, agua ardente, e vinho vermelho, bebidas tonas, papel de todas as sortes, caixotes de vidros, sedas, cujo vidro tenha palmo e meio, outros de palmo, e de menos de palmo, assafrão de Hespanha, rulos de sola, bezerros, matroquins, dôces; principalmente natinckada, e assucar rosado, quinquillaria, cadeados grandes; navalhas de barbear, agulhas de toda a sorte, chapéus, cabelleiras, e bolsas, toda preta lavrada de mesa, relogios, e fivelas de prata e de ouro, adereços de diamantes, anéis de pedras finas, presuntos, paes, queijos, letria, e manteigas, meias de seda de homem e de mulher, e ditas de linha ordinaria, livros de contas para mercadores, livros de obras novas, espaldins, e caixas de fiamas, barricas de lixo, algumas ditas de aleatrão, estrato fino de velha machado, enegós, limas, porcos, e tal, coisas etc para guardar em camizas, de couro, e couro de couro, roupas de salto de seda

amarelo e encarnado, peças de ligas encarnada e amarella, peças de seda de manto, peças de fumo, agua da rainha de Hungria, pós, óleo de jasmins, e banha de flor, pentes de cabelleira, canivetes, magos de fivelas de metal, sapatos de mulher, barricas de facas flamengas, amendoa, chupa-sangue, espingardas, bolsas, e pedreiras, barretes vermelhos de pião, abotoaduras de vestido, capotes, pannos bernes verdes e azuis.

Efeitos de Gôa.

Toda a qualidade de peças de seda da China, ditas de ganga, chá, poucos xarões, louça, calaim, vinho de cajú, dôces, assucar, breu de Malaca, arequim, arêa, rôdes de pescar, toda a roupa fina da costa, muito lenço, conta de Balagate, parcaló, acanda, chuca, pannos do Porto Novo, folhinha, pannos de cafre, pannos de baye, chitas, e cubertas de Balagate, zuartes da costa, sola e couro, azeite de coco, e manteiga, calcado de homem, e de mulher, toda a sorte de meias de algodão, toda a roupa branca feita, espingardas, leques, cobre branco da China, sagú, barrilame de peixe, dôces, cera lavrada, especiaria e pimenta.

Efeitos de Damão.

Toda a roupa de Cambaya, e dos canaes de Gôa, Jambucer, Barroche e Baunagar, com singularidade a grossa, assim preta, como a tecida de côres e pintada, a roupa da fabrica de Damão pintada, os canequins d'aquelle jurisdicção, os umbarsaris, as tecidas de Nausari, as roupas de Surrate pintadas e tecidas, assim de algodão como de seda, peças de seda de Amadabá, lacre.

Efeitos de Diu.

Nesta praça as roupas de suas fabricas são as pintadas e tecidas de toda a qualidade, as roupas grossas pintadas pretas, e tecidas dos canaes de Gôa, azeite, e manteiga, colchas bordadas, amendoa, e café, tinta de escrever, incenso, calcado de homem, dourugis, savagagis, canequins sabateres, judeus, linhas, lenços, cubertas, chitas, atoalhados, pentedores, gagarás.

— Na rede tanto se prendem os peixes grandes como os pequenos; porém quando alguns escapam pela malha são os pequenos, que os grandes a sua mesma grandeza os prende. Sobre este fundamento se ha de assentar todo este poderoso edifício: e é que os grandes, ainda que possam tudo quanto querem não são tão de querer tudo quanto pôdem; porque não ha melhor grillão das alegões, que a grandeza advertindo que é aquelle o que mais lhe conveniente.

PADRE A. VIEIRA

Aqueles senhores cujas assinaturas terminam com o numero 12, queiram ter a bondade de as renovar com tempo, para não sofrerem interrupção na remessa. Os preços são os anunciados por diferentes vezes; isto é, por anno, ou 52 numeros, 13300 réis; por seis meses, ou 26 numeros, 700 réis; avultantemente, 30 réis cada numero.